

SOB A LUPA DE IBARÊ¹

Samuel Barros de Medeiros Albuquerque

Professor da Universidade Federal de Sergipe (NMU/UFS)

Doutorando em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

E-mail: samuelalbuquerque@ufs.br

Em meados da década de 1990, Ibarê Dantas iniciava silenciosamente suas investigações sobre Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel, engenhoso político sergipano que viveu entre 1825 e 1909. Fruto dessas pesquisas, Ibarê acaba de lançar a obra “Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825/1909): o patriarca do Serra Negra e a política oitocentista em Sergipe” (Aracaju: Criação, 2009. 480 p).

Renomado historiador e cientista político, José Ibarê Costa Dantas é professor emérito da Universidade Federal de Sergipe e preside o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe desde 2003. Até então, o conjunto de sua obra se constituía num monumento dedicado ao estudo da dinâmica política de Sergipe durante a República. São de sua autoria as obras: O Tenentismo em Sergipe (Petrópolis, Vozes, 1974); A Revolução de 1930 em Sergipe (São Paulo, Cortez, 1983); Coronelismo e dominação (Aracaju, Diplomata/UFS, 1987); Os partidos políticos em Sergipe – 1889/1964 (Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1989); A tutela militar em Sergipe, 1964/1984 (Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1997); Eleições em Sergipe – 1985/2000 (Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2002); e História de Sergipe: República – 1889/2000 (Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2004). Em sua nova empresa, mediante a figura emblemática de Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel, Ibarê Dantas envereda pela política sergipana do século XIX e princípios do século XX.

Foi investigando as origens familiares do ex-governador Leandro Maynard Maciel (1897-1984) que Ibarê Dantas se deparou com o avô paterno, Antônio Luiz de Araújo Maciel (1797/1850), e com o pai, Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825/1909), podendo constatar que a estirpe dos Maciel esteve ativa na militância política, desde as primeiras décadas do século XIX até os anos setenta do século XX. É preciso dizer que Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel não é um “mocinho” na narrativa de Ibarê Dantas. A representação construída sobre o biografado persegue a imparcialidade e apresenta

¹ Uma versão resumida desse texto foi publicada em junho de 2009 na imprensa sergipana.

um homem truculento, um político contraditório e, muitas vezes, escorregadio. A biografia encanta mais que o biografado e nos ajuda a compreender práticas políticas “muitas vezes eivadas de procedimentos moralmente ilícitos” (p. 17).

A variedade e a quantidade de fontes inquiridas (jornais, inventários, testamentos, cartas, memórias, depoimentos, dentre outras) são elementos que chamam atenção na obra, além do uso racional que é feito desses “documentos que sobreviveram à incúria dos homens” (p. 16). Os acervos mais devassados foram: o Arquivo Público do Estado de Sergipe (Aracaju) e o Arquivo Nacional (Rio de Janeiro); a Biblioteca Pública Epifânio Dória (Aracaju) e a Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro); o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (Aracaju) e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (Salvador); o Arquivo do Judiciário de Sergipe (Aracaju), dentre outros.

As fontes que lastreiam a obra não estão diluídas em nenhum modelo interpretativo grosseiro e alheio ao objeto. Acertadamente, a abordagem biográfica foi inspirada em conceitos de Hannah Arendt, orientando o enfoque dado ao comportamento do homem público inserido no processo político (“Homens e tempos sombrios”. Cia das Letras, 1987), e Max Weber, combinando a ética de convicção com a ética de responsabilidade para compreender as práticas políticas de antanho (“Ensaio de Sociologia”. Zahar, 1963), bem como o método tipológico ideal para lidar com a carência de dados sobre a infância e a juventude do biografado (“Sobre a teoria das ciências sociais”. Presença, 1974). O conceito de realidade histórica de Paul Veyne também aparece e ajuda a dar sentido aos vestígios da trajetória do velho Leandro Maciel (“Como se escreve a história”. UnB, 1992).

Entre interlocutores de Ibarê Dantas, encontramos desde consagrados nomes da nossa historiografia — Felisbela Freire, Maria Thetis Nunes, Maria da Glória Santana de Almeida, Luiz Mott, Josué Modesto dos Passos Subrinho, Maria Nely dos Santos, Terezinha Oliva... — até jovens autores de monografias produzidas no curso de História da UFS, como Vanessa dos Santos Oliveira, Ivan Fontes Barbosa e Giliard da Silva Prado.

Recuperando e dando sentido às experiências que marcaram a trajetória de Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel, Ibarê Dantas acaba por ressignificar eventos marcantes da história de Sergipe, como o processo de emancipação política em relação à Bahia (1820-1822), a Revolta de Santo Amaro (1836), a mudança da Capital (1855), a Revolta Fausto Cardoso (1906), dentre outros. Dessa forma, analisam-se “os efeitos das mudanças de gabinete no quadro local, as repercussões das alterações na legislação

eleitoral, o jogo partidário, as lutas internas entre as facções, as eleições, a transição do Império para a República, os primeiros tempos da nova forma de governo, as intervenções e a instabilidade política na primeira década republicana” (p. 11-12). Além disso, a análise do relacionamento do biografado com seus correligionários e adversários aproxima o leitor de outros sergipanos memoráveis como: Sebastião Gaspar de Almeida Botto, João Gomes de Mello (Barão de Maruim), Antônio Dias Coelho e Mello (Barão da Estância), Coelho e Campos, Felisbello Freire, Oliveira Valladão, Sílvio Romero, Ivo do Pardo, Martinho Garcez, Olímpio Campos e Fausto Cardoso. Com relação aos dois últimos, Ibarê reabilita a figura política de Olímpio e relativiza a figura heróica de Fausto Cardoso, apresentando dados concretos e argumentos convincentes.

As análises feitas por Ibarê Dantas são criteriosas. Contudo, garimpei uma tese da qual pude discordar. Ela trata do ostracismo político o qual envolveu os líderes do Partido Liberal com o advento da República, em oposição ao vigor demonstrado pelos velhos líderes do Partido Conservador, representados por Leandro Maciel, Coelho e Campos e Olympio Campos (páginas 233, 260 e, sobretudo, 276). Sabemos que, no crepúsculo do Império, o principal líder do Partido Liberal em Sergipe era Antônio Dias Coelho e Mello (1822-1904), senhor do engenho Escurial (São Cristóvão) que à época da Proclamação da República ocupava o cargo de senador vitalício e ostentava o título de Barão da Estância. Mesmo tendo se afastado da militância política nos tempos da República, o Barão da Estância deixou como herdeiro político o seu genro, o médico Gonçalo de Faro Rollemberg (1860-1927), casado com sua filha Aurélia (Dona Sinhá). Ainda no Império, o referido Gonçalo militou ao lado do sogro no Partido Liberal e foi eleito à Assembléia Provincial em 1884. Sob a República, o Barão da Estância contribuiu decisivamente com a vitória de Thomaz Rodrigues da Cruz nas eleições de 1890 para o Senado. Aliando-se a Manuel Prisciliano de Oliveira Valladão, viu seu genro ser eleito vice-presidente do Estado para o biênio 1894-1896. Gonçalo do Prado Rollemberg (Gonçalinho das Pedras), também vinculado ao Barão da Estância, foi eleito deputado federal em 1897, mesmo ano em que Valladão foi eleito para o Senado. Em 1915, Gonçalo de Faro Rollemberg dirigiu a vitoriosa campanha do filho Antônio Dias Rollemberg para deputado federal. Dois anos depois, em 1918, Gonçalo foi eleito senador da República, cargo que ocupou até 1926. Em 1927, o “Senador Rollemberg”, como ficou conhecido, engajou-se ainda na campanha do filho Luiz Dias Rollemberg, eleito deputado federal. Mesmo com a morte prematura do ex-senador Gonçalo de Faro

Rollemborg, ocorrida em 1927, os seus descendentes continuaram atuando no campo político. Em 1946, os netos Carlos Waldemar Accioli Rollemborg e Francisco Leite Neto foram eleitos para a Câmara Federal, sendo que o último foi eleito deputado federal por quatro mandatos. Um ano depois, o neto José Rollemborg Leite foi eleito governador do Estado, em 1947. Armando Leite Rollemborg, também neto de Gonçalo, elegeu-se deputado estadual por duas legislaturas, iniciando a primeira em 1947, e deputado federal por três legislaturas, a partir de 1954, não chegando a concluir a última por ter sido nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal de Recursos, em 1963. Francisco Leite Neto, o qual ocupou importantes cargos no governo de Maynard Gomes e Eronides de Carvalho, elegeu-se senador em 1963. José Rollemborg Leite, depois de ter passado pelo senado entre 1965 e 1971, foi reconduzido pelos militares ao governo do Estado, em 1975. Ainda hoje, podemos encontrar descendentes diretos do Barão da Estância atuando na política sergipana. O atual chefe do Executivo na cidade de Itaporanga d’Ajuda, berço da família Coelho e Mello, é tetraneto do Barão da Estância. A senhora Ruth Rollemborg da Fonseca Mandarino, mãe do César Mandarino, é bisneta do Barão da Estância e neta do Senador Rollemborg. Portanto, percebemos que, de forma mais discreta, os líderes do Partido Liberal, como Gonçalo de Faro Rollemborg e Thomaz Rodrigues da Cruz, fizeram-se presentes na República, e os seus descendentes ganharam notoriedade e expressividade política inegáveis.

É interessante observar que, mesmo sob a República, os descendentes do Barão da Estância e os descendentes de Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel militaram quase sempre em grupos políticos opostos. Um belo exemplo disso é a oposição entre UDN (União Democrática Nacional), liderada por Leandro Maynard Maciel, e o PSD (Partido Social Democrático) que congregava o clã Rollemborg, entre os anos 40 e 50 do século XX.

Outro elemento característico da obra de Ibarê Dantas é seu didatismo. A obra, com quase 480 páginas, foi estruturada em 20 capítulos, pausando a leitura do texto e evitando torná-lo cansativo. Além disso, ao final de cada capítulo, o autor apresenta um resumo do que foi discutido e sugere o tema que será abordado no capítulo seguinte, convidando o leitor para prosseguir com a leitura.

A obra não está restrita ao universo político. Ibarê Dantas observa, por exemplo, interessantes aspectos da vida cultural dos sergipanos do século XIX, como as práticas matrimoniais, o pagamento de dote, o rapto de jovens e viúvas afortunadas, as atitudes perante a morte... Enfim, é uma obra de mestre! Nela o autor se reinventa e passa a

dialogar com novas gerações de leitores. O livro é engenhoso! A leitura é agradável e envolvente.

O dia 13 de maio de 2009, exatos cem anos após a morte do biografado, foi a data escolhida para o lançamento da obra que já nasce com feições de um clássico. O lançamento do livro “Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel” se constitui em um fato historiográfico de primeira grandeza e legitima o lugar de destaque ocupado por Ibarê Dantas em nossa “República das Letras”.